

## O corpo em movimento na capoeira – O resgate da ancestralidade como metodologia para uma educação em sexualidade e gênero

Bianca Cavalcanti Martins <sup>1</sup>

Caio de Jesus Correa <sup>2</sup>

Marcia Cristina Silva <sup>3</sup>

Samantha Cristina Neves do Nascimento <sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma sequência didática, e relatos de sua aplicação, proposta por educadores na Fundação Gol de Letra, ao trabalharem a Ancestralidade pela perspectiva da educação integral e da educação em sexualidade, através da capoeira. Tal processo nasce de uma parceria interna à instituição, e tem como principal objetivo trabalhar a interseccionalidade raça, gênero e sexualidade através do esporte educacional, nesse caso, tendo a capoeira como principal estratégia metodológica. Nessa parceria buscamos, ao trabalhar como temática central a Ancestralidade, compreender como a valorização da cultura e das potencialidades negras, podem atuar no combate ao racismo estrutural e empoderamento das crianças, adolescências e juventudes. Nesse sentido, a educação em sexualidade é trabalhada aqui como parte da construção da garantia de direitos previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, e dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. E a Capoeira como uma tecnologia ancestral e também em sua dimensão dentro do esporte educacional.

**Palavras-chave:** Ancestralidade; Capoeira; Educação em Sexualidade; Educação Integral; Esporte Educacional.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma sequência didática, proposta por educadores na Fundação Gol de Letra, ao trabalharem a educação em sexualidade a partir da Ancestralidade. Tal processo nasceu de uma parceria interna à Instituição, e tem como principal objetivo

---

<sup>1</sup>Graduada em Geografia Licenciatura na Universidade Estadual de Campinas -SP, bianca.martins@goldeletra.org.br;

<sup>2</sup>Graduado em Educação Física Licenciatura e Bacharel da Universidade Cidade de São Paulo- SP, caiodej@gmail.com;

<sup>3</sup>Graduada em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica- SP, marcia.panda84@gmail.com;

<sup>4</sup>Graduanda em Serviço Social do Centro Universitário Faveni - SP, nevesdonascimentos@gmail.com.

trabalhar as interseccionalidades raça, gênero, classe, orientação afetivo sexual, identidade corporal e território, através da capoeira.

Mobilizamos aqui ideias de um processo de aproximadamente 1 ano, em que atendemos educandos da modalidade de Capoeira com idades entre 6 e 17 anos, assim como mulheres do território atendido pela instituição, a Vila Albertina, na Zona Norte de São Paulo.

A Fundação Gol de Letra é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos que trabalha o esporte educacional e a arte educação como ferramentas ativas para a Educação Integral. A Capoeira é trabalhada dentro do escopo do esporte educacional, sendo este compreendido como importante ferramenta no “desenvolvimento integral de crianças e jovens proporcionando não apenas aprendizagem motora, mas também promovendo valores e atitudes de respeito à diversidade.” (Instituto de Esporte e Educação *apud* Fundação Gol de Letra, 2016. p.40 )

A Educação Integral é desenvolvida neste trabalho a partir das mobilizações das Interseccionalidades, já que ela nos provoca para “o desenvolvimento dos educandos de maneira completa, em sua totalidade.” (Fundação Gol de Letra, 2016. p. 40)

Assim, após apresentarmos as referências que nos acompanharam durante todo esse processo no capítulo subsequente, trataremos dele especificamente expondo nossas principais ferramentas metodológicas, como a sequência didática, e, por fim, os resultados trarão também um apanhado do que foram essas atividades, sempre propondo movimento, porque a escrita, assim como a Capoeira e as educações, não é estática, não deve ser. Boa ginga para nós nessa leitura-discussão!

## REFERENCIAL TEÓRICO

*Sabedorias de jongueiros, capoeiras, sambistas, sujeitos comuns praticantes do devir cotidiano. Em cada contexto, formas de educação próprias. A educação é tão diversa e ampla quanto às experiências sociais produzidas ao longo do tempo.*  
Luiz Rufino<sup>5</sup>

No Projeto Sexualidade em Ação: dialogando sobre saúde, gênero e cidadania, compreendemos que a educação em sexualidade é primordial para o sistema de garantia dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos, não só de adultos como também de crianças e adolescentes. Como nos traz Vanessa Leite (2013), essa garantia não se constrói apenas com o trabalho de prevenção a violências, ou tratando de métodos de prevenção à IST's e a gravidez indesejada, por exemplo. Essa garantia versa intimamente com uma educação para a prática

---

<sup>5</sup> Rufino, 2019. p. 277.

da liberdade, o direito à dignidade e diversidade das corporeidades. Sendo uma das principais referências no trabalho de educação em sexualidade para adolescentes, a autora aponta que

Quando se pensa sexualidade para o conjunto de sujeitos de direitos, o enfoque do risco ou da vitimização permanece, e não só para os adolescentes. A grande ruptura nesse campo seria a afirmação da sexualidade como território do prazer e da autonomia. (Leite, 2013. p. 192)

Nesse sentido, pensar a educação em sexualidade na perspectiva da interseccionalidade tem se mostrado eficiente para o que nos propomos, já que, segundo Patrícia Hill Collins (2021), a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que entende as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade (aqui também acrescentamos território), capacidade, etnia e faixa etária, como inter-relacionadas e que se moldam mutuamente e, portanto, as entendemos como indissociáveis. Sendo assim, não é possível trabalhar para a garantia de direitos sem o reconhecimento das diferenças e das estruturas que se impõem sobre as corporeidades e territórios de modo, justamente, a produzir violações ou não acesso aos direitos.

Para tanto, no decorrer do projeto, as Ancestralidades foram se apresentando para nós como uma realidade já vivenciada no cotidiano dos processos, porque, para nós, ela compreende os tempos acumulados e vividos no agora. Katiuscia Ribeiro (2020) nos diz que “O futuro é ancestral”, o que nos fez refletir que os tempos das Ancestralidades não são lineares, elas nos trazem tecnologias de luta, de cura, de conhecimento, de arte, que vêm sendo construídas há muitos séculos e que, no agora, disputam o futuro. Algumas dessas ferramentas são amplamente vivenciadas na Capoeira, que mantém vivas e ativas as oralidades, os movimentos que mobilizam, as musicalidades, a repetição das ladainhas e cantos, o encantamento.

Aqui, nos importa destacar a repetição, tão presente em diversas manifestações culturais, religiosas e artísticas do povo preto, a repetição nos importa no fazer cotidiano da educação em sexualidade, porque ela garante a continuidade necessária para enfrentar pouco mais de 500 anos de construção de noções e estruturas violentas, excludentes e genocidas neste país. A educação em sexualidade que trata de Ancestralidade, portanto, é aquela que compreende que tão cotidiana quanto às opressões, devem ser as educações emancipatórias. E é, sobretudo, a que nos traz toda a potência de conhecimentos ancestrais que antecedem, e muito, essas estruturas colonialistas que tanto nos impedem de construir educações para a prática da liberdade.

Dizemos “educações”, pensando as provocações trazidas por Luiz Rufino (2019) que nos aponta para a necessidade de se tratar a educação em sua pluralidade que inclusive, por vezes, pode reafirmar ou estar a serviço de pactos colonialistas e dominantes no que se refere a noções de gênero (com o heteropatriarcado e cisheteronormatividade), raça (sendo o racismo a base fundante do empreendimento colonialista), do capitalismo e seus fundamentos. Assim, ele nos provoca trazendo que

a educação, que a princípio está radicalizada na diversidade do ser acaba se inscrevendo como política de produção de um modo dominante. Essa lógica totalitária investida e mantida ao longo de séculos tem pautado a educação, não como uma prática emancipatória, mas sim como forma de regulação. (Rufino, 2019. p. 264).

Desse modo, Rufino (2019) aponta que é importante, então, falarmos em educações, já que elas não nos apresentam um modo único. Assim, a primeira pergunta que nos movimenta neste trabalho é: De que educação em sexualidade estamos falando?

Partimos da encruzilhada dos conceitos, métodos e provocações aqui apresentados para, então, compreender a educação em sexualidade em uma perspectiva interseccional, sobretudo nas intersecções raça, gênero, orientação afetivo-sexual, classe e território, trabalhadas na modalidade Capoeira, trazida como tecnologia ancestral e como esporte educacional. O objetivo geral da Capoeira é contribuir para a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio de práticas corporais, educacionais e de convívio social, garantindo o envolvimento de suas famílias e outros atores. No decorrer deste trabalho, apresentaremos como essas ideias se encontram e se efetivaram em nossa prática cotidiana. Inicialmente faremos isso, no próximo capítulo, através de uma exposição sintetizada de nossas principais metodologias.

## **METODOLOGIA**

O público atendido neste processo foram crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos, da Fundação Gol de Letra e mulheres do bairro Vila Albertina (Zona Norte de São Paulo-SP), atendidas pela mesma instituição no projeto Agentes Sociais.

Para realização desse processo foi de suma importância a organização da sequência didática. Inicialmente ela contou com um planejamento anual em que foram levantados os principais temas que seriam trabalhados no decorrer do processo. Desenvolvido a partir de parcerias internas à instituição, esse trabalho também contou com reuniões de planejamento mensais, em que pudemos avaliar as atividades anteriores e planejar as seguintes, de modo

que as diferentes linguagens das educadoras envolvidas pudessem ser contempladas e somadas nas atividades.

Desse modo, a sequência didática aconteceu de forma orgânica, planejamento-desenvolvimento da atividade- avaliação, mas não separadamente, esses momentos se misturavam, aconteciam, por vezes, ao mesmo tempo. No decorrer das atividades realizamos algumas alterações no plano de atividades inicial a partir de avaliações conversadas durante o desenvolvimento das atividades.

Para esses planos, aplicados enquanto instrumental do fazer cotidiano, incorporamos também um processo dividido em três partes, num primeiro momento eram realizados alongamentos, o segundo momento contava com atividades disparadoras e de sensibilização para o tema, e num último momento realizamos rodas de conversa, onde era possível já obter a avaliação dos educandos sobre a atividade. Sendo então, a roda de conversa, uma importante metodologia para esse trabalho, tendo inclusive importante relação com as tecnologias ancestrais no sentido de entender a organização circular como importante ferramenta para construção de coletividade.

Além da Capoeira, aqui trabalha no âmbito do esporte educacional, também tivemos participação ativa da arte educação, através dos jogos teatrais trazidos pela arte educadora Márcia que, embora não seja o foco principal desta exposição do processo, será bastante explorada nos relatos dos resultados pois, foi linguagem importante e indispensável na mobilização das ideias e dos/nos corpos.

Assim, no próximo capítulo, apresentaremos uma síntese do que foram as atividades e de como as avaliamos.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Contava histórias de capoeira, muitas vezes ilustrando-as com movimento do próprio corpo entre palavras e frases dava seus aus, plantava suas bananeiras e desferia golpes contra o vento. Era seu momento de lazer naquela tarde de folga, não fazia mal pra ninguém nem atrapalhava a paz de Santo Amaro, mas ele era o famoso Besouro e a polícia não lhe dava sossego dia nenhum.*

*Victor Alvim<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> ALVIM, Victor. Histórias desse tal de Besouro. In: REVELIA, Jota *et al.* **Coleção Literária Besouro: O menino voador e o aprendiz de vagalume**. 1. ed. São Paulo: Literatura Suburbana, 2013. v. II, cap. Prólogo, p. 2. Disponível em: [https://www.mediafire.com/file/z1j7axq3push7bp/2%25C2%25BA\\_Fasc%25C3%25ADculo\\_Cole%25C3%25A7%25C3%25A3o\\_Liter%25C3%25A1ria\\_Besouro.pdf/file](https://www.mediafire.com/file/z1j7axq3push7bp/2%25C2%25BA_Fasc%25C3%25ADculo_Cole%25C3%25A7%25C3%25A3o_Liter%25C3%25A1ria_Besouro.pdf/file). Acesso em: 10 out. 2023.

Neste capítulo, nossos resultados serão apresentados em três subcapítulos que representam blocos temáticos trabalhados no decorrer desse processo pedagógico. Nossa sequência didática está, sobretudo, localizada nas atividades apresentadas no subcapítulo 5.3. Resistência e Meia Lua de Compasso, onde tratamos especificamente sobre o tema central deste trabalho: Ancestralidade! Entretanto, julgamos importante trazer construções anteriores, já que elas apresentam a base para o trabalho realizado nesta sequência didática. Foram essas atividades que despertaram em nós o desejo e as possibilidades de ampliar esse processo, são elas também que nos trazem respostas cotidianas que são nossos principais resultados qualitativos, mobilizados nos corpos em suas falas e movimentos.

### 5.1. Ginga e Vingativa

*A Ginga é identidade, cada uma tem a sua, ela não é padronizada.  
A Ginga é solta, libertária, criativa.  
A Ginga é como eu me sinto naquele momento.  
Eu posso gingar fechado, me protegendo. Eu posso gingar sambando,  
dançando frevo.*

*Caio de Jesus Correa<sup>7</sup>*

Iniciamos os trabalhos com propostas de mobilização dos sentimentos, das emoções, do consentimento e respeito mútuos, que foram essenciais, não só para se estabelecer o vínculo, estratégico para o fazer cotidiano do trabalho social, mas também para deixar aflorar nos educandos a possibilidade do ser e estar.

“Na capoeira temos uma conversa corporal”<sup>8</sup>. As atividades versaram sobre essas danças corporais em que o essencial era o auto respeito e o respeito ao outro. Na primeira oficina estabelecemos a relação entre som e movimentos lentos. A capoeira como conversa corporal em que se estabelece um diálogo entre seu corpo e o corpo do outro, seja por meio dos movimentos, seja de forma verbal, nas rodas de conversa, onde pudemos assentar e mobilizar de outros modos o que estava proposto.

Assim, em duplas e com uma madeira ou utilizando seus braços, também com condução alternada, um educando faz movimentos bem lentos de golpes ou toque no outro de forma que o outro educando tenha condições de se esquivar. Foi proposto também um exercício de localização dos próprios sentimentos no corpo do outro, a partir dos golpes de capoeira.

A intenção da vingativa, trabalhada também nessa atividade, foi justamente mobilizar as percepções da queda. Como reagimos a ela? E perceber as entradas ao movimento, já que a vingativa é um movimento em que a forma como você entra nela dita o seu resultado, é

<sup>7</sup> Informação verbal em reunião de planejamento, mestre Caio de Jesus Correa.

<sup>8</sup> Informação verbal em reunião de planejamento, mestre Caio de Jesus Correa.

preciso, de forma premeditada, controlar a força, o tempo e o equilíbrio investidos. É um movimento que pode machucar o outro a depender do quanto quem desfere o golpe também está em sofrimento. Ela pode projetar seu sofrimento no outro.

Considerando que o objetivo também era estabelecer vínculos e experimentar vivências ora mais concretas e ora mais abstratas, foi possível perceber o desenvolvimento de novos laços de amizade e conexões entre os próprios educandos, assim como evidenciaram as diferentes formas de entendimento das propostas, sobretudo pela diversidade de faixas etárias em uma mesma turma.

## 5.2. Pião de mão

*A educação em sexualidade é um trabalho cotidiano,  
não é quinzenal, semanal ou mensal,  
ela acontece todo dia.  
Bianca C. Martins<sup>9</sup>*

Este subcapítulo vai trazer o relato das principais atividades realizadas com as temáticas desigualdade de gênero na prática esportiva, identidades de gênero e orientação afetivo sexual.

Pensar Capoeira é pensar ferramentas ancestrais de resistência. Pensar desigualdades de gênero e em LGBTQIAPN+fobia na prática da Capoeira é olhar para o que há de reprodução dessas violências e, sobretudo, compreender que essas reproduções enfraquecem esses saberes ancestrais pois são, em suma, infiltrações de concepções colonizadoras em uma construção que busca originalmente resistir à colonização.

Assim, as proposições de atividades para pensar identidades de gênero e orientação afetivo-sexual têm construído um olhar o mundo de ponta cabeça, pensar a cisheteronormatividade como algo colonizador, que não estava presente neste território antes da invasão europeia e que, ao trabalharmos perspectivas de rompimento dos papéis, estereótipos e performances de gênero, propomos também esse movimento que é corporal e que é coletivo, que é social e reestruturante, e que já nos apresenta mudanças significativas com o que esses corpos nos comunicam, seja de forma verbal, seja através de outro movimentos corporais, do que surge e urge de forma criativa.

É preciso mudarmos o parâmetro, a lente pela qual fazemos nossa leitura de mundo, a epistemologia da qual partimos, para então pensar em saberes fazeres de uma educação para a

---

<sup>9</sup> Informação verbal em reunião de planejamento, educadora Bianca Cavalcanti Martins.

liberdade, e que garanta os direitos já por tanto conquistados na legalidade, não porém nas realidades.

Nesse sentido, o trazemos o Pião de mão, que é um movimento onde trocamos os pés pelas mãos e giramos sobre o nosso eixo, entre 180° e 360° de cabeça para baixo, como esse movimento onde enxergamos o jogo e o mundo de um outro ângulo. Para pensar essa subversão e tratar da visibilidade LGBTQIAPN+ na Capoeira, levamos como referências a Puma Camille, pioneira à sua própria maneira ao integrar a comunidade LGBTQIAPN+ na capoeiragem, realizando conexões entre a arte ancestral Capoeira e Vogue. A atividade buscou trazê-la como uma referência que também trabalhasse com a memória corporal das educandas. Desse modo, elas eram convidadas a realizar os movimentos propostos por Puma Camille.

Ao tratarmos de desigualdades de gênero na prática esportiva, tivemos nossa maior surpresa! Inicialmente entendemos que falar sobre essa problemática exigia um trabalho de perceber e mobilizar as noções de estereótipos e papéis de gênero. Assim, propomos como primeira atividade, que os educandos separassem objetos entre meninos e homens, meninas e mulheres (sim, inicialmente binário e cisgênero), e aqui vai um importante destaque, um educando de 9 anos nos perguntou “mas e os não binários?” nos mostrando um pouco do que já circula e mobiliza as ideias dele e do grupo.

Levamos brinquedos que representam papéis de gênero bem demarcados, como bonecas, carrinhos, panelinhas. Também levamos embalagens de produtos cosméticos, sobretudo de maquiagem, e equipamentos esportivos como bolas e skates, e instrumentos de percussão como o pandeiro. Os educandos deveriam realizar um percurso com movimentos da capoeira e ao chegar no final, escolher rapidamente um desses objetos e alocar na área de objetos para meninas e mulheres, meninos e homens, ou para os dois.

Aqui, entendemos que um dos principais resultados do projeto se expressou, todos os equipamentos esportivos e instrumentos utilizados na capoeira foram colocados na área que representava esses dois gêneros, isso porque eles vivem cotidianamente práticas esportiva-educativas mistas, e essas são concepções amplamente trabalhadas. Acontece que os demais objetos foram divididos por gênero de modo a reafirmar os estereótipos e papéis de gênero. Realizamos uma roda de conversa para falar desses resultados e trazer a dimensão do que significa de fato dizer que vassoura, panela e boneca são brinquedos de menina e carrinho é brinquedo de menino.

Passados alguns meses voltamos a falar de desigualdades de gênero no esporte. Dessa vez através de uma corrida de obstáculos que buscava mobilizar nos corpos as sensações de



vantagens, desvantagens, e injustiça. A corrida contava com dois percursos diferentes, um menor e mais fácil de ser realizado que o outro. Divididos em dois grupos e de forma mista, um grupo realizou o percurso mais rápido e fácil enquanto o outro realizava o percurso mais difícil, trabalhoso e cansativo. O resultado inicial era o esperado, um grupo terminou primeiro que o outro, e os educandos, de modo geral, sentiram essa diferença. A cada obstáculo da corrida havia um cartão que comparava esse obstáculo criado por nós com os obstáculos enfrentados para a prática esportiva. O percurso mais curto tinha os obstáculos gerais para a prática esportiva, já o mais longo contava com obstáculos que mulheres enfrentam.

Um obstáculo se destacou na roda de conversa pós-corrida: As meninas são consideradas fracas e indefesas e suas famílias geralmente preferem que elas fiquem em casa, o que as afastam de espaços públicos em que elas poderiam praticar esportes. As meninas também são geralmente as responsáveis por ajudar nos afazeres domésticos e a cuidar dos seus irmãos e irmãs mais novos.

Ao debatermos esse ponto, alguns educandos lembraram da atividade com os brinquedos, e trouxeram também que construíram novas percepções sobre os papéis de gênero, se colocando inclusive ativamente em pensar possibilidades de mudança desse cenário.

Tivemos aqui a percepção do quanto as atividades têm reverberado nos corpos, já que uma atividade realizada no semestre anterior apareceu no debate dessa atividade, mostrando novas concepções elaboradas pelos educandos, sobretudo os mais novos. Entendemos também o quanto a continuidade e o trabalho cotidiano são importantes para a educação em sexualidade.

### **5.3. Resistência e Meia Lua de Compasso**

*O silêncio que antecede o revide*  
*Filipe Celestino<sup>10</sup>*

Resistência é um movimento de esquiva em que o corpo vai a três apoios, com as pernas dobradas e os pés ao chão e uma das mãos também, é o “silêncio que antecede o revide”, como nos provoca o título da dramaturgia de Filipe Celestino. Já a Meia Lua de Compasso é o próprio revide, o golpe, ou de fato sequer dependa de um ataque prévio, mas representa aqui a idéia do que é feito ferramenta de luta, que culturalmente, musicalmente e em movimento, não se cala diante do que vem apagar, matar, constranger, cercear.

---

<sup>10</sup> Título da dramaturgia de Filipe Celestino.

Nossa primeira atividade para tratar de racialidade buscou um viés de valorização da cultura e estética negra, nossa perspectiva considerou que temos, em sua maioria, educandos negros que precisam de repertório e letramento racial para se fortalecer diante do racismo estrutural. Essa atividade nos mostrou a potência de trazer a Ancestralidade de modo intencional para as atividades, seja em tema, seja em método.

Em linhas gerais, a proposta foi desmistificar símbolos e conceitos da cultura negra. Divididos em grupos, as educandas deviam encontrar dicas espalhadas pela quadra e levá-las ao centro, onde haviam letras para que elas pudessem montar as palavras. As dicas estavam em formato de charadas, em imagens ou com os próprios objetos, como no caso do pente garfo. Exemplo: Cultura negra que envolve o rap, a dança, o grafite MC's e DJ's, duas palavras, 6 letras. resposta: Hip Hop.

Ao final, conversamos sobre as respostas e a importância dos elementos trazidos. Algumas dificuldades se apresentaram, falar sobre o continente africano, por exemplo, ainda carrega muitos estigmas. Mas, o destaque mesmo foi para o debate sobre religiões de matriz africana e afro brasileira e sobre racismo religioso, os educandos se interessaram muito, abriram um diálogo potente e nos surpreenderam pois atuamos em um lugar onde as influências do fundamentalismo religioso cristão evangélico é muito presente e, por vezes, se apresenta bastante intolerante a outras religiosidades. Foi nesse momento que entendemos que mais que possível, era necessário, e promissor, trazer a Ancestralidade como método cotidiano do nosso trabalho.

As atividades seguintes buscaram trazer os elementos da própria Capoeira afirmando-a também como cultura negra ancestral. Resgatamos os ensinamentos do Dr. Fu Kia quando nos trouxe a ideia de que a Capoeira possui dois principais elementos, a musicalidade e o movimento. Iniciamos assim uma sequência didática pensada para fortalecer os vínculos com a musicalidade, e iniciamos pelo berimbau. Para trazer sua relação com os movimentos, propusemos uma contação de histórias de forma oral, mobilizando também a oralidade, tão importante para a cultura negra que sofre constante epistemicídio, e depois propondo que elas recontassem A Lenda do Berimbau<sup>11</sup>, através de movimentos, da Capoeira, da dança e do teatro.

---

<sup>11</sup>SONYC, Ronaldo *et al.* A lenda do Berimbau. In: NETO, Israel *et al.*, (org.). Coleção Literária Besouro: É besouro...Porque é preto e avoa. Edição Especial. ed. São Paulo: Coletivo Literatura Suburbana, 2021. v. 10, cap. 2, p. 14-22.

E foi desse modo que aprendemos outra valiosa lição, o corpo é um só, ele não compreende essa dicotomia inventada no ocidente de corpo e mente, ele é um, um e diverso, e como um, o corpo precisa se movimentar, em ideias, fisicamente, pelo espaço, pela oralidade, e quando conseguimos mobilizá-los nessas diversas linguagens, a atividade se potencializava um tanto!

Para esse trabalho de tempos não lineares propostos pela nossa concepção de Ancestralidade, levamos também atividades para pensar a musicalidade negra a partir da relação do ritmo Congo de Ouro com o funk, o trap e o rap, e tudo mais que sentissem e mobilizassem. Nessas atividades também propusemos a mobilização de diversas linguagens. Iniciamos apresentando algumas músicas que tem como base o ritmo Congo de Ouro, eles deveriam, após ouvi-las enquanto realizavam um alongamento e aquecimento, destacar palavras marcantes das letras das músicas. O exercício seguinte era aprender a tocar o Congo de Ouro em diversos instrumentos de percussão presentes na capoeira. Na atividade seguinte, as palavras destacadas deram vida a cantigas com rimas, tratando de Ancestralidade negra e a realidade nas periferias. Por fim, as cantigas foram apresentadas, unindo-as ao ritmo Congo de ouro.

Assim, compreendemos que, trazer tecnologias ancestrais negras e indígenas para o foco das atividades na Capoeira, é pensar na valorização dessas culturas, mas sobretudo é pensar em educações contra coloniais, e portanto, educações de valorização da vida, de fortalecimento das potências e intelectualidades negras e indígenas, construindo com elas outros sentidos do que são e do que podem ser. Acessar com profundidade e abrangência seus direitos sexuais e reprodutivos passa por isso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Chamemos os nossos amigos mais dispostos,  
tenhamos decisão,  
[...] vale mais  
a disposição  
Carlos Marighella<sup>12</sup>*

A primeira consideração apreendida durante o processo aqui apresentado foi a de que a educação em sexualidade de fato deve ser cotidiana, e ela é, o que devemos nos perguntar é:

---

<sup>12</sup> Carlos Marighella, fala gravada da Rádio Libertadora, apud “Mil faces de um homem leal (Marighella)” Racionais MC 's.

Pereira, Pedro Paulo Soares. Mil faces de um Homem Leal (Marighella) in Mil Faces de um Homem Leal (Marighella) Racionais MC's. São Paulo, 2012.

De qual educação em sexualidade estamos falando? Quais são as concepções cotidianamente mobilizadas e sob quais interesses?

A continuidade, a repetição, a possibilidade de formação continuada e as parcerias efetivas, podem proporcionar educações em sexualidade para o objetivo principal que é a garantia de direitos.

A continuidade exige a disputa por políticas públicas, e aqui nos é caro pensar nos investimentos na educação de um modo geral, e nos investimentos, ou falta deles, em uma educação em sexualidade que rompa com estruturas violentas.

A repetição traz, as tão faladas aqui, tecnologias ancestrais. Ela versa sobre uma educação em sexualidade que é cotidiana e que precisa ser, tanto quanto são cotidianas as violências e violações de direitos. Ela é também material, tanto quanto são materiais as segregações, as desigualdades e o genocídio. E ela deve buscar ser libertadora, como buscam ser libertadoras as tecnologias de luta ancestrais.

Destacamos, também, as formações continuadas porque sabemos que a educação em sexualidade que tivemos ao longo de nossa trajetória de modo geral construiu concepções violentas, autoritárias, reprimidas e repressoras, machistas, LGBTfóbicas e racistas, o esforço agora é nadar contra a maré, e isso não se faz de um dia pro outro, é trabalho contínuo, para todas as faixas etárias, é preciso investimento em espaços formativos, a prática começa por aí.

As parcerias efetivas devem compreender e mobilizar esses apontamentos, não se trata apenas de ceder espaço físico e tempo de carga horária, uma educação em sexualidade efetiva exige, como acima tratamos, trabalho contínuo. As parcerias enquanto prática de trabalho em rede, como nos traz o Estatuto da Criança e Adolescentes, e diversos outros documentos de serviços públicos, são potentes também quando tratamos de educação em sexualidade porque o trabalho coletivo se faz necessário já que estamos falando de estruturas sociais.

E, por fim, pensamos que, a Ancestralidade não é metodologia, como anunciamos afoitos no título deste trabalho, a ancestralidade aqui é método, e talvez até extrapole o método. No percurso das epistemologias possíveis e decoloniais, ela sobra em grandeza que organiza, que reorganiza e que mobiliza, quando nada mais é capaz de tal feito. Ela, em si, dobra o tempo, como o não linear que ele é, que eles são, ela é no presente tudo que se disputou no passado e toda disputa de futuro, todos os tempos em um mesmo tempo, reconhecemos então, os corpos e portanto, a sexualidade, assim como Milton Santos (1982) conceituou o espaço geográfico, enquanto um “acúmulo desigual de tempos” (Santos, 1982. p. 9), cuja epistemologia capaz de mobilizá-la é a ancestralidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Victor. Histórias desse tal de Besouro. *In*: REVELIA, Jota *et al.* **Coleção Literária Besouro**: O menino voador e o aprendiz de vagalume. 1. ed. São Paulo: Literatura Suburbana, 2013. v. II, cap. Prólogo, p. 2. Disponível em: [https://www.mediafire.com/file/z1j7axq3push7bp/2%25C2%25BA\\_Fasc%25C3%25ADculo\\_Cole%25C3%25A7%25C3%25A3o\\_Liter%25C3%25A1ria\\_Besouro.pdf/file](https://www.mediafire.com/file/z1j7axq3push7bp/2%25C2%25BA_Fasc%25C3%25ADculo_Cole%25C3%25A7%25C3%25A3o_Liter%25C3%25A1ria_Besouro.pdf/file). Acesso em: 10 out. 2023.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, 1990.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Cuidando de Adolescentes : orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 44 p. : il.
- COLLINS, PH.;BILGE, S. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- FUNDAÇÃO GOL DE LETRA (São Paulo). A Metodologia Gol de Letra: Conceitos e práticas. *In*: CAMARGO, Monica Zagallo (org.). Esporte em Comunidades: Disseminação Gol de Letra. 1. ed. São Paulo: Miolo Editorial, 2016. v. 2, cap. 3, p. 40-42.
- LEITE, Vanessa Jorge. Sexualidade adolescente como direito ? A visão de formadores de políticas públicas. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, v. 19, 2020.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Mórula Editorial. 1ª edição. São Paulo, 2019.
- SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. Hucitec, 1982.
- SONYC, Ronaldo *et al.* A lenda do Berimbau. *In*: NETO, Israel *et al.*, (org.). **Coleção Literária Besouro**: É besouro...Porque é preto e avoa. Edição Especial. ed. São Paulo: Coletivo Literatura Suburbana, 2021. v. 10, cap. 2, p. 14-22.